

Thatiana Maia Tolentino¹ Maria de Fatima de Matos Maia² Nilton Soares Formiga³
Berenilde Valéria de Oliveira Sousa⁴ Gislane Ferreira Melo⁵

Resumo

A autoestima é o processo avaliativo do autoconceito e deve ser mensurada com instrumentos fidedignos e confiáveis. Adicionalmente, a avaliação dessa característica vem sendo considerada uma ferramenta importante na identificação e na prevenção de problemas psicológicos. Foi objetivo de este trabalho realizar de forma mais robusta, a partir da análise de modelo de equação estrutural efetuada no Amos a avaliação fatorial da escala de autoestima, elaborada por Rosenberg em diferentes amostras etárias de 12 a 20 anos. A amostra foi composta por 1864 sujeitos, onde 49% destes eram do sexo masculino e 51% feminino. De acordo com os resultados obtidos, a escala de autoestima apresentou indicadores estatísticos que justificam a sua consistência fatorial para amostra de jovens brasileiros, confirmando os dois fatores propostos: autoestima negativa e autoestima positiva. Considerando os indicadores estatísticos do modelo fatorial, estes, revelaram-se satisfatórios dentro dos intervalos que têm sido considerados como aceitáveis na literatura vigente.

Palavras-chave: Autoestima; Adolescentes; Modelagem estrutural; Consistência interna.

Abstract

The self-esteem is the evaluation process of self-concept and must be measured with real and reliable tools. Additionally, the evaluation of that characteristic has been considered an important implement in identification and in prevention of psychological problems. It was objective of this work to perform in more robust way, through Confirmatory Factor Analysis and an analysis of Structural Equation Modeling made based in Amos Graphics, the factorial structure of the scale of self-esteem, created by Rosenberg in different age line samples from 12 to 20 years. The sample was composed by 1864 subjects, where 49% of these were males and 51% were females. According results obtained in these analyses, the scale of Rosenberg presented statistical indicators that justify its factorial consistence for Brazilians teenagers. These indicators corroborate suitability of structure of scale of self-esteem for the sample context analyzed composed by two factors: negative self-esteem and positive self-esteem. Considering the indicators they have proved satisfactory in the intervals which have been considered acceptable in the current literature.

Keywords: Self-esteem; Teenagers; Structural Modeling; Internal Consistence.

¹ Mestre, Brasília, Distrito Federal – Brasil. Grupo Integrado de Pesquisa em Psicologia do Esporte, Exercício e Saúde, Saúde Ocupacional e Mídia – GIPE-SOM; Bolsista CAPES/PROSSUP - Universidade Católica de Brasília – UCB. E-mail: thatianam@hotmail.com.

² Doutora, Montes Claros, Minas Gerais – Brasil- Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes; Grupo Integrado de Pesquisa em Psicologia do Esporte, Exercício e Saúde, Saúde Ocupacional e Mídia – GIPE-SOM. E-mail: mfatimaia@yahoo.com.br.

³ Doutor- Faculdade Internacional da Paraíba/ Laureate International Universities – João Pessoa-PB. E-mail: nsformiga@yahoo.com.

⁴ Mestre, Montes Claros, Minas Gerais – Brasil- Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes; Grupo Integrado de Pesquisa em Psicologia do Esporte, Exercício e Saúde, Saúde Ocupacional e Mídia – GIPE-SOM. E-mail: berenilde.valeria7@yahoo.com.br.

⁵ Doutora - Brasília, Distrito Federal - Brasil; Universidade Católica de Brasília – UCB. E-mail: gislane.melo@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Embora haja uma vasta produção científica, influenciada pelo trabalho de William James sobre a autoestima e suas manifestações na dinâmica humana, ainda é evasiva entre leigos e profissionais, especialmente, aqueles da área da saúde, a compreensão do conceito e medida deste construto.

De forma geral, em termos do senso comum, todos avaliam sob diferentes aspectos: capacidade física, aparência, capacidade acadêmica, habilidades sociais, etc. Essas auto-avaliações ou auto-julgamentos podem ser categorizados como autoestima, autoconceito, autoimagem, autovalor e autoconfiança; mas, apesar de diferenças e convergências, de acordo com Weiss (1993), a autoestima refere-se, especificamente, a um componente avaliativo e afetivo no desenvolvimento da estrutura e funcionalidade mental no ser humano.

A afirmação de Weis (1993), de acordo com Mruck (1995), poderá elencar algumas razões que justificam a necessidade de apresentar um enfoque científico para estudo da autoestima; assim, para Murck (1995), a auto-estima, trata-se de um corpo de conhecimento muito mais complexo do que pode parecer, estando fortemente associado com outros aspectos da personalidade, bem como, ao bem-estar psicológico, depressão e suicídio.

Desta forma, ao desenvolver estudos da autoestima em relação aos adolescentes, aponta-se em direção de uma preocupação quanto à organização, estrutura e funcionalidade deste construto, pois, uma má administração da autoestima poderá interferir nas relações do ambiente escolar (Marriel et al., 2006), na qualidade do relacionamento com a família (Peixoto, 2004), na comparação com os seus pares (Bizarro & Silva, 2005), no namoro ou no consumo de tabaco (Sousa, Maia & Vasconcelos-Raposo, 2012). Segundo o estudo de Assis, Pesce, Avanci

e Njaine (2005), os adolescentes que possuem elevada autoestima sentem-se mais competentes, estão mais contentes consigo mesmos e ainda acrescentam que, possuir uma elevada autoestima, pode promover capacidade de superação de problemas.

A partir dos achados e reflexões dos autores supracitados é possível salientar a importância da avaliação desse construto e os instrumentos que o mensuram; a estrutura fatorial da escala de Rosenberg no transcorrer temporal da sua avaliação, vem suscitando controvérsias já que alguns estudos apontam uma estrutura unidimensional enquanto outros indicam uma organização bidimensional (Rosenberg, 1965, 1973; Silbert & Tippett, 1965; McCarthy & Hoge, 1982; Goldsmith, 1986; Hagborg, 1993; Dias, 1996; Marsh, 1996; Robins, 2001; Santos & Maia, 1999, 2003; Tafarodi, 2001, Romano, Negreiros & Martins, 2007; Sbicigo, Bandeira & Dell'Aglio, 2010).

A validação da escala de autoestima de Rosenberg (EAR) em adolescentes portugueses realizada por Romano, Negreiros e Martins (2007) em uma amostra de 501 indivíduos da região interior norte revelou características psicométricas com uma consistência interna satisfatória e uma estrutura fatorial bidimensional; esta explicou 46% da variância total da amostra; o fator que mede a orientação negativa da autoestima apresentou um alfa de Cronbach de 0,63, já na autoestima positiva o alfa foi de 0,74.

Em relação à amostra com brasileiros, Dini, Quaresma e Ferreira (2004), desenvolveram um estudo com 32 pacientes brasileiros com idades inferiores a 40 anos que se submetem a uma cirurgia plástica; sendo assim, realizada a tradução e adaptação ao contexto da pesquisa, estes autores, aplicaram três entrevistas com o instrumento da autoestima, obtendo três grupos de resultados nos quais foram calculados os índices de correlação intraclas-

se, determinando a reprodutibilidade inter e intra-observador. Foram testados a validade de face, a validade de conteúdo e a validade de construção, nesta última, realizada uma correlação de Pearson e Spearman), bem como, efetuadas medidas de posição, dispersão e associação. A título de acréscimo estatístico, os autores, a partir da análise de regressão, para o modelo final inseriram os aspectos preditores relativos à dor, vitalidade, aspecto emocional, estado geral de saúde e capacidade funcional. A versão para a língua portuguesa da escala de autoestima de Rosenberg apresentou bons índices de validade e reprodutibilidade podendo ser usada em pacientes que submetidos à cirurgia plástica.

O estudo de Sbicigo, Bandeira e Dell'Aglio, (2010) procurou avaliar as propriedades psicométricas da escala de autoestima de Rosenberg para adolescentes. Participaram do estudo 4.757 adolescentes, com idades entre 14 e 18 anos, de nove cidades brasileiras. Os participantes responderam a uma versão da EAR adaptada para o Brasil. A análise fatorial exploratória apontou uma estrutura bidimensional, com 51,4% da variância explicada, a qual foi apoiada pela análise fatorial confirmatória. A análise de consistência interna realizada por meio do coeficiente alfa de Cronbach apresentou valores satisfatórios, revelando que o instrumento é confiável para mensurar autoestima em adolescentes brasileiros.

Em outro trabalho, Hutz e Zanon (2011) objetivaram normatizar os estudos de autoestima para crianças, adolescentes e adultos; utilizando a escala de Rosenberg em 1.151 estudantes, mulheres e homens, observaram que a estrutura fatorial da escala apresentou índice KMO de 0,91 e o *scree plot*, o qual revelou uma solução unifatorial, explicando 54,6% da variância total. A consistência interna da escala, avaliada pelo alfa de Cronbach, foi de 0,90. A análise fatorial demonstrou que a escala de

Rosenberg na sua versão atual segue apresentando validade de construto uma vez que a consistência interna foi equivalente à encontrada há uma década e é muito satisfatória (Hutz & Zannon, 2011).

Considerando que a escala de autoestima de Rosenberg (1965) apresenta garantia de consistência interna na mensuração do seu construto, bem como, as contradições existentes no que se refere à sua unifatorialidade ou bifatorialidade, em ambas as propostas, ao considerar apenas a análise exploratória utilizada pelos autores supracitados, ela aponta para um inconveniente empírico: esta análise pauta-se estritamente nos dados obtidos não considerando um modelo teórico fixo que oriente a extração das dimensões latentes e muito menos têm o poder de apresentar qualquer indicação sobre a bondade de ajuste do modelo. As técnicas de modelagem estrutural têm a clara vantagem de levar em conta a teoria para definir os itens pertencentes a cada fator, bem como, apresentarem indicadores de bondade de ajuste que permitem decidir objetivamente sobre a validade de construto da medida analisada.

Dois resultados principais podem ser esperados ao trabalhar com a análise estrutural: 1- estimativa da magnitude dos efeitos estabelecida entre variáveis, as quais estão condicionadas ao fato de o modelo especificado (isto é, o diagrama) estar correto, e 2 - testar se o modelo é consistente com os dados observados, a partir dos indicadores estatísticos, podendo dizer que resultado, modelo e dados são plausíveis, embora não se possa afirmar que este é correto (Farias & Santos, 2000). Atende-se assim, não a certeza total do modelo, mas, a sua probabilidade sistemática na relação entre as variáveis.

Um dos principais objetivos das técnicas multivariadas – neste caso, considera-se a modelagem de equação estrutural - é expandir a habilidade exploratória do pesquisador e a eficiência estatística e

teórica no momento em que se quer provar a hipótese levantada no estudo com um construto psicológico. Apesar das técnicas estatísticas tradicionais compartilharem de limitações, nas quais, é possível examinar somente uma relação entre as variáveis, é de suma importância para o pesquisador o fato de ter relações simultâneas; afinal, em alguns modelos existem variáveis que são independentes em algumas relações e, dependentes em outras.

A fim de suprir esta necessidade, a modelagem de equações estruturais examina uma série de relações de dependência simultâneas, esse método é particularmente útil quando uma variável dependente se torna independente em relações subseqüentes de dependência (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Bilich, Silva&Ramos, 2006). Portanto, foi objetivo desse trabalho realizar de forma mais robusta, a partir de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e a análise do Modelo de Equação Estrutural (SEM) efetuado a partir do AMOS, versão 21.0, a avaliação da estrutura fatorial da escala de autoestima em diferentes secções amostrais de idade. Para isso toma-se como referência a proposta do modelo bifatorial, previamente encontrada pelos autores supracitados, espera-se que, ao comparar com o modelo unifatorial, a estrutura com bifatorial revele melhor indicador psicométrico.

MÉTODO

Amostra

O presente estudo contou com uma amostragem não-probabilística, pois considerou que o investigado se dispôs a colaborar, respondendo ao questionário. A amostra foi composta por 1864 sujeitos, destes 49% eram do sexo masculino e 51% feminino. Os investigados apresentavam idades de 12 a 20 anos cuja média de idade foi (M = 15,70; com desvio padrado de $\pm 2,46$), eram estudantes do ensino fundamental,

médio e universitário público da cidade de Montes Claros – MG. Tomou-se como critério de inclusão o sujeito que estivesse, devidamente, matriculado e que respondesse corretamente o questionário não deixando questões em branco ou com respostas duplamente marcadas. Foram excluídos aqueles com idade superior a 20 anos e inferior a 12. A recusa em participar do estudo, não autorização dos pais ou responsáveis e ausência às aulas no dia agendado para a coleta foram os critérios de exclusão.

Instrumentos

A escala de autoestima foi desenvolvida por Rosenberg (1965) (*Rosenberg self-esteem scale*) e foi selecionada para este estudo mediante um levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais sobre instrumentos que avaliam esta variável. Para a sua escolha levaram-se em consideração algumas questões consideradas relevantes: a faixa etária da amostra original do estudo é compatível com este; o processo de criação foi realizado com um grande contingente (5024) de estudantes pertencentes às escolas públicas; a escala original possui bons coeficientes psicométricos (Alfa de Cronbach de 0.92) e este padrão de coeficiente é observado nos trabalhos de Hutz (2000); Giacomoni, (2002). Essa escala se organiza da seguinte forma: autoestima positiva - AE1, AE3, AE4, AE7, AE10 e autoestima negativa - AE2, AE5, AE6, AE8, AE9.

A autoestima pode ser avaliada segundo os níveis: baixo, médio e alto. A baixa autoestima se caracteriza pelo sentimento de incompetência, de inadequação à vida e incapacidade de superação de desafios; a alta expressa um sentimento de confiança e competência; e a média flutua entre o sentimento de adequação ou inadequação, manifestando essa inconsistência no comportamento (Branden, 2000; Rosenberg, 1973).

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996; ANPEPP, 2000). A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, obtendo aprovação através do Parecer Consubstanciado Nº 528 de 15/12/2006.

Para os menores de idade foi encaminhado aos responsáveis um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e aos maiores de 18 anos foi explicado o objetivo da pesquisa e posteriormente os mesmos assinaram o TCLE. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada e os pesquisadores envolvidos na coleta estavam presentes para sanar caso houvesse alguma dúvida. Tendo assim, os sujeitos responderam o instrumento na sala de aula, com a presença do responsável da escola pela atividade pedagógica no momento da aplicação; o respondente recebeu o instrumento impresso na folha de papel branco A4, devendo com isso, ler e indicar as suas respostas na mesma.

Análise dos dados

Para a análise fatorial confirmatória, considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Sendo um tipo de análise estatística mais criteriosa e rigorosa, testou-se a estrutura teórica que se propõe neste estudo: isto é, a estrutura com quatro fatores. Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Bilich; Silva & Ramos, 2006; Byrne, 1989; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). Os indicadores são:

O χ^2 (*qui-quadrado*) que testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos

dados: quanto maior o valor do χ^2 pior o ajustamento. Entretanto, ele tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores até 3 indicam um ajustamento adequado.

A *Raiz Quadrada Média Residual* (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (Joreskog & Sörbom, 1989).

O *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI) são análogos ao R^2 na regressão múltipla e, portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Os valores desses indicadores variam de 0 a 1, sendo que os valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superiores, indicam um ajustamento satisfatório (Hair; Anderson; Tatham & Black, 2005; Bilich, Silva & Ramos, 2006).

A *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), com seu intervalo de confiança de 90% (IC90%), é considerado um indicador de "maldade" de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores até 0,10 (Garson, 2003).

O *Comparative Fit Index* (CFI) - compara de forma geral o modelo estimado ao modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005; Bilich, Silva & Ramos, 2006).

O *Tucker-Lewis Index* (TLI), apresenta uma medida de parcimônia entre os índices do modelo proposto e do modelo nulo. Varia de zero a um, com índice aceitável acima de 0,90 (Bilich, Silva & Ramos, 2006).

O *Expected Cross-Validation Index* (ECVI) e o *Consistent Akaike Information Criterion* (CAIC) são indicadores geralmen-

te empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do *ECVI* e *CAIC* expressam o modelo com melhor ajuste (Bilich, Silva & Ramos, 2006; Black, 2005; Hair, Anderson, Tatham, Black, 2005). A 1 é m dessa análise, efetuou-se também, como crescimento estatístico, a avaliação da consistência interna através do alfa de Cronbach.

RESULTADOS

A fim de atender o objetivo principal do presente estudo, empregou-se o pacote estatístico AMOS 21.0 para efetuar uma análise fatorial confirmatória. Verificou-se a estrutura da escala em adolescentes, com base no modelo teórico proposto por Rosenberg (1973) e observado por Hutz (2000) e Giacomoni (2002) quanto à sua fidedignidade em sujeitos brasileiros. Desta maneira, teve-se como orientação teórica e empírica o modelo hipotetizado por Rosenberg (1965), contemplando dois fatores referentes às dimensões de autoestima positiva e autoestima negativa, as quais, respectivamente, na escala de dez itens, reúnem cinco itens para cada uma delas.

A mensuração da autoestima tem sido mundialmente realizada por meio da Escala de Autoestima de Rosenberg – EAR (Rosenberg, 1965), conceitualizada pelo autor como um instrumento capaz de classificar o nível de autoestima em baixo, médio e alto.

Para comprovar a estrutura proposta optou-se por deixar livres as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores, revelando que os indicadores de qualidade de ajuste para cada modelo se mostraram próximos às recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). De acordo com os resultados obtidos nas análises, o modelo proposto e observado pelos auto-

res supracitados (Giacomoni, 2002; Hutz, 2000; Rosenberg, 1973) apresentaram indicadores estatísticos que justificam a sua consistência da estrutura fatorial em diferentes níveis de idade (ver Tabela 1). Tais indicadores corroboram a adequabilidade da estrutura da escala de autoestima para o contexto amostral avaliado neste estudo.

Tabela 1: Indicadores psicométricos da estrutura fatorial da escala de autoestima de Rosenberg em jovens brasileiros de distintas idades.

Ver tabela 1 (final)

Com todas as saturações (Lambdas, λ) dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, o que denota não haver problemas de estimação proposta, estas, foram estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$). Tais resultados corroboram que a estrutura psicométrica composta por dois fatores: autoestima negativa e autoestima positiva. Estes fatores, por sua vez, em todas as amostras, apresentaram lambdas (λ) associativos negativos entre eles: na amostra total observou-se um lambda de -0.48, para amostra de sujeitos de 12-14 anos foi de -0.51, a amostra de sujeitos de 15-17 anos observou-se um lambda de -0.47, por fim, na amostra de sujeitos de 18 a 20 anos, o lambda foi de -0.59. Vale destacar que os alfas de Cronbach variaram nas amostras de 0.67 a 0.71.

Considerando esses resultados pode-se destacar tanto a consistência interna quanto, a partir do modelo de equação estrutural, a adequabilidade estrutural da escala proposta por Rosenberg (1973), a qual é fidedigna na avaliação de as estrutura fatorial da autoestima em jovens de diferentes idades, garantindo a segurança dessa medida. Os diversos critérios empregados para definição da adequabilidade da referida estrutura fatorial revelou-se adequada, considerando os indicadores comumente tidos em conta para provar o modelo

proposto, χ^2/df , RMR, GFI, AGFI, RMSEA, CFI, TLI, CAIC e ECVI, os quais revelaram indicadores que foram satisfatórios dentro dos intervalos que têm sido considerados como aceitáveis na literatura vigente (Byrne, 1989; Garson, 2003), bem como, foram observados que os indicadores CFI, TLI e RMSE desse estudo foram maiores do que os indicadores no estudo de Scibigo, Bandeira e Dell’Aglío (2010) e no estudo de Romano, Negreiros e Martin (2007) quanto a bifatorialidade em jovens brasileiros.

É destaque também, os escores dos alfas, os quais diferenciaram pouco em sua variação estatística quando comparando a estudos brasileiros com a mesma escala; estes foram próximos aos encontrados no estudo de Scibigo, Bandeira e Dell’Aglío (2010), mas, ficou inferior em relação ao estudo de Hutze Zanon (2011) com brasileiros, os quais estiveram acima de 0.80. Uma justificativa quanto tal diferença entre os alfas poderá ser refletido em termos da amostra e o público alvo, pois, no presente estudo o foco amostra foi exclusivamente, pré-adolescentes e adolescentes, grupos estes, que são variantes na construção da sua imagem, podendo afetar a estima, justamente devido à dinâmica psicossocial em que eles geralmente se envolvem nas relações interpessoais. Mas, também, é destaque que no estudo de Hutz e Zanon (2011) este alfa foi estabelecido para uma escala unifatorial e não dos dois fatores a que propôs Rosenberg (1973) e confirmado por Scibigo, Bandeira e Dell’Aglío (2010).

DISCUSSÃO

Ao avaliar a escala de autoestima de Rosenberg em jovens de diferentes idades, deve-se considerar que cada indivíduo avalia sua própria vida e vivencia os acontecimentos aplicando concepções subjetivas, as quais envolvem traços, expectativas, crenças, valores, emoções e experiências

prévias. Essa auto-avaliação engloba pensamentos e sentimentos sobre a existência individual em cada fase do desenvolvimento do sujeito (Diener & Lucas, 2000).

Coopersmith (1967) já preconizava que a autoestima é o julgamento pessoal a respeito das capacidades próprias das pessoas, significância, sucesso e valor, as quais, é capaz de transmitir aos outros, por meio de palavras e ações, sendo que auto-avaliação é ao mesmo tempo geral e também de áreas específicas. A autoestima é a base da representação social que o adolescente tem de si mesmo. É um atributo profundamente individual, embora moldado nas relações cotidianas desde a primeira infância. É também fator decisivo na relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros, exercendo uma marcante influência na percepção dos acontecimentos e das pessoas, influenciando de forma considerável o comportamento e as vivências do indivíduo (Sánchez & Escribano, 1999).

A comprovação da organização dos itens em seus respectivos fatores e a consistência interna da escala avaliada tanto oferece uma base teórica quanto empírica para conhecer a amplitude e estrutura da avaliação desse construto de forma confiável, bem como, a partir da administração desse instrumento aos sujeitos, predizer consequências futuras na dinâmica psicossocial dos jovens na sociedade contemporânea.

Com base nos achados deste estudo, seja considerando a amostra total, seja na especificidade etária da amostra a escala revelou indicadores psicométricos que garantiram a estrutura bifatorial da mensuração da autoestima, condição que além de corroborando o instrumento, aponta-se em direção da acurácia deste quanto a temporalidade e condição geo-política na avaliação da autoestima em jovens.

Apesar da confiabilidade desses resultados a partir dos indicadores psicométricos, um limite neste estudo merece ser

destacado: seria de extrema importância conhecer os aspectos que podem ser comuns a todas as culturas e aqueles que são específicos, contribuindo para consolidar um marco teórico do bem subjetivo; não menos útil, reunir evidências adicionais de sua validade e precisão intra, inter e pan-culturais, por exemplo, validade de critério ou convergente em relação a construtos correlatos, bem como, conhecer sua estabilidade temporal (teste-reteste), comparando com os resultados que podem ser indicados por outros autores (Muenjohn & Armstrong, 2007; Trianis et al., 1993; Triandis, 1995; Van De Vijver & Leung, 1997) a replicabilidade do inventário, considerando amostras maiores e mais diversificadas quanto às características dos participantes, incluindo também jovens adultos, meia idade e terceira idade de diferentes contextos socio-culturais e econômicos, bem como, avaliar também este construto na dinâmica interna da família, seria importante para avaliar o processo socializador do bem estar nesse grupo.

REFERÊNCIAS

- Assis, S., Pesce, R. P., Avanci, J. Q., & Njaine, K. (2005). *Encarando os desafios da vida: Uma conversa com adolescentes*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Bilich, F., Silva, R., & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3(2), 93-122.
- Bizarro, B., & Silva, A. (2005). *Estudo do bem-estar psicológico durante a adolescência*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Branden, N. (2000). *Autoestima: Como aprender a gostar de si mesmo*. São Paulo, SP: Saraiva.
- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.
- Coopersmith, S. (1967). *The Antecedents of self-esteem*. San Francisco: Freeman.
- Dias, M.G.F.F. (1996). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar psicológico dos jovens*. TesedeDoutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Diener, E., & Lucas, R. (2000). Subjective emotional well being. Em M. Lewis & J. M. Haviland (Orgs.), *Handbook of Emotions* (pp. 325-337). New York: Guilford.
- Dini, G. M., Quaresma, M. R., & Ferreira, L. M. (2004). Adaptação Cultural e Validação da Versão Brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg. *Revista da Sociedade Brasileira Cirurgia Plástica*, 19 (1), 41-52.
- Garson, G. D. (2003). *Public Information Technology: Policy and Management Issues*. Hershey, PA: Idea Group Publishing.
- Giacomoni, C. H. (2002). *Bem-estar subjetivo infantil: conceito de felicidade e construção de instrumentos para avaliação*. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Goldsmith, R.E. (1986). Dimensionality of Rosenberg Self-esteem Scale. *Journal of social Behavior and Personality*, 1, 253-264.
- Hair, J. F.; Anderson, R. E.; Tatham, R. L., & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hagborg, W.J. (1993). The Rosenberg Self-Esteem Scale and Harter's Self-Perception Profile for adolescents: A concurrent validity study. *Psychology in Schools*, 30, 132-136.
- Hutz, C. (2000). *Adaptação brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg*. Cur-

- so de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Mimeo.
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização escola de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10, 41-49.
- Joreskög, K., & Sörbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software
- Marsh, H.W. (1996). Positive and negative global self-esteem: A substantively meaningful distinction or artifacts? *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 818-819.
- McCarthy, J.D., & Hoge, D.R. (1982). Analysis of age effects in longitudinal studies of adolescent self-esteem. *Developmental Psychology*, 18, 372-379.
- Marriel, L., Assis, S. G., Avanci, J. Q., & Oliveira, R.V.C. (2006). Violência Escolar e Autoestima de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 36 (127), 35-50.
- Mruk, C. (1995). *Self-esteem: research, theory, and practice*. Springer Publishing Company: Nova York.
- Muenjohn, N., & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The Influence of Culture on the Leadership Behaviours of Expatriate Managers. *International Journal of Business and Information*, 2 (2), 265-283.
- Peixoto, F. (2004). Qualidade das relações familiares, autoestima, autoconceito e rendimento acadêmico. *Análise Psicológica*, 1 (23), 235-244.
- Robins, R.W., Hedin, H.M., & Trzesniewski, K.H. (2001). Measuring global self-esteem: Construct validation of a single-item measure and the Rosenberg Self-esteem scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27, 151-161.
- Romano, A., Negreiros, J., & Martins, T. (2007). Contributos para a validação da escala de autoestima de Rosenberg numa amostra de adolescentes na região interior norte do país. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1), 109-116.
- Rosenberg, M. (1973). *La autoimagen del adolescente y la sociedad*. (M. Galiano, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Obra original publicada 1965).
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton: Princeton University Press.
- Sánchez, A., & Escribano, E. (1999). *Medição do autoconceito*. Edusc, Bauru.
- Santos, P.J., & Maia, J. (1999). Adaptação e análise factorial confirmatória da Rosenberg self-esteem scale com uma amostra e adolescentes: Resultados preliminares: In *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (vol. VI, pp. 101-103). Braga: Apport.
- Santos, P.J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-268.
- Sbicigo, J. B., Bandeira, D. R., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): Validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, 15(3), 395-403.
- Silbert, E., & Tippett, J. (1965). Self-esteem: Clinical assessment and measurement validation. *Psychological Reports*, 16, 1017-1071.
- Sousa, B.V.O, Maia, M.F.M., & Vasconcelos-Raposo, J.J.B. (2012). Bem-estar, autoestima e índice de massa corporal de adolescentes. *Motricidade*, 8 (2), 1065-1075.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Tafarodi, R.W., & Swann, Jr., W.B. (2001). Two-dimensional self-esteem: Theory and measurement. *Personality and Individual Differences*, 31, 653-673.

Triandis, H.C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.

Triandis, H. C. et al. (1993). An etic-emic analysis of individualism and collectivism. *Journal of cross-cultural psychology*, 24 (3), 366-383.

Weiss, M. (1993). Psychological effects of intensive sport participation on children and youth: Self-esteem and motivation. In: Cahill, B. & Pearl, A. (Eds.). *Intensive participation in children's sport*. (pp. 39-69). Champaign, IL: Human Kinetics.

Van De Vijver, F., & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Tabela 1: Indicadores psicométricos da estrutura fatorial da escala de autoestima de Rosenberg em jovens brasileiros de distintas idades.

AMOSTRA	χ^2/gf	RMR	GFI	AGFI	CFI	TLI	RMSEA (intervalo)	CAIC (intervalo)	ECVI
Amostra 1 ^a	2.74 (0,01-0,03)	0.03 (0.14-0.17)	0.99	0.99	0.99	0.99	0.02	319.67	0.15
Amostra 2 ^b	2.38 (0,00-0,04)	0.05 (0.13-0.17)	0.99	0.98	0.99	0.98	0.02	278.28	0.14
Amostra 3 ^c	2.28 (0,00-0,04)	0.02 (0.13-0.16)	0.99	0.98	1.00	0.98	0.02	294.85	0.14
Amostra 4 ^d	2.55 (0,00-0,03)	0.04 (0.17-0.23)	0.99	0.97	0.99	0.97	0.03	273.26	0.19

Notas: a = Amostra total; b = Amostra jovens de 12-14anos; c = Amostra jovens 15-17anos; d = Amostra jovens 18-20anos. $p > 0,05$.

Recebido em 23/11/2015.

Aprovado para publicação em 9/01/2016.